



A SUPEREXPLORAÇÃO DO TRABALHO NO PENSAMENTO DE RUY MAURO MARINI

Alexandre dos Santos Lopes

alexandre.lopes@ifms.edu.br

Instituto Federal de Mato Grosso do Sul

II Seminário de Pós-graduação do IFMS – SEMPOG 2022

Resumo. *O processo de acumulação capitalista em escala mundial, na fase do capitalismo monopolista, é a maneira pela qual encontramos a definição da investigação do imperialismo em um contexto de um mercado mundial. A proposta central desta pesquisa é conhecer a elaboração e o desenvolvimento das concepções e categorias desenvolvidas por Marx e da chamada escola da Teoria Marxista da Dependência (TMD). O objetivo específico consiste em discutir elementos centrais da categoria de superexploração do trabalho no pensamento de Ruy Mauro Marini. A concepção de desenvolvimento combinado e desigual é apresentada por meio da constatação de que os países pobres, subdesenvolvidos, geram grandes excedentes de capital, não por meio da criação de novas tecnologias, mas pela exploração do máximo da força de trabalho. Marini (2005), considerando esta problemática central, distingue três momentos diferentes para explicá-la: a) aumento da mais-valia, alcançada através do aumento da exploração da força de trabalho, e não da modernização dos meios de produção; b) aumento da mais-valia absoluta; c) redução do consumo dos trabalhadores. Categorias como superexploração do trabalho, transferência de valor, padrão de reprodução do capital e dependência são fruto dessa tradição crítica, que além de seus fundadores brasileiros tem seus expoentes nomes como Jaime Osorio, Mathias Seibel Luce, Orlando Caputo, Adrián Sotelo Valencia e toda uma nova geração de pesquisadores.*

Palavras Chave. *Superexploração do Trabalho; Mundo do Trabalho, Teoria Marxista da Dependência*



Resumen. *El proceso de acumulación capitalista en escala mundial, en la fase del capitalismo monopolista, es la manera por la cual encontramos la definición de la investigación del imperialismo en el contexto del mercado mundial. La propuesta central desta investigación es conocer la elaboración y el desarrollo de las concepciones y categorías desarrolladas por Carlos Marx y por la llamada escuela de la Teoría Marxista de la Dependencia (TMD). El objetivo específico plantea la discusión de elementos centrales de la categoría de superexplotación del trabajo en lo pensamiento de Ruy Mauro Marini. La Concepción del desarrollo desigual y combinado es presentado través de la constatación de qué los países pobres, subdesarrollados, generan grandes excedentes de capital. No por lo medio de la criación de nuevas tecnologías, mas si por la explotación del máximo de la fuerza de trabajo. Marini (2005), considera esta problemática central, distingue tres momentos distintos para explicarla: a) aumento de la plusvalía, conquistada través del aumento de la explotación de la fuerza de trabajo, y no de la modernización de los medios de producción; b) aumento de la plusvalía absoluta; c) reducción del consumo de los trabajadores. Categorías como superexplotación del trabajo, intercambio de valor, padrón de reproducción del capital e dependencia son frutos de esa tradición crítica, que mas ala de sus fundadores brasileños tiene sus exponentes nombres como Jaime Osorio, Mathias Seibel Luce, Orlando Caputo, Adrián Sotelo Valencia y toda una buena generación de investigadores.*

Palabras clave: *Superexplotación del Trabajo, Mundo del Trabajo, Teoría Marxista de la Dependencia.*



1. Introdução:

Categorias como superexploração da força de trabalho, transferência de valor, cisão no ciclo do capital, subimperialismo padrão de reprodução do capital e a categoria dependência são fruto do desenvolvimento dos teóricos da Teoria Marxista da Dependência (TMD). Ruy Mauro Marini, Theotônio dos Santos e Vania Bambirra são considerados seus fundadores. No entanto, toda uma nova geração de intelectuais tem seus expoentes nomes como Jaime Osorio, Orlando Caputo, Adrián Sotelo Valencia.

Algumas críticas na tentativa do entendimento sobre a categoria superexploração do trabalho, levam à alguns erros interpretativos. Estas críticas sugerem que a TMD ao desenvolver a teoria da superexploração do trabalho anularia a lei do valor, indicaria a existência de uma taxa superior de mais-valia e o predomínio de mais-valia absoluta com a ausência de mais-valia relativa, falta de elevação de produtividade¹.

A partir destas críticas fomos motivados a escrever este trabalho. Não estamos convencidos que estas críticas à TMD estejam corretas e invalidam seu arcabouço teórico, para explicar o subdesenvolvimento e a dependência latino-americana frente aos países imperialistas. Acreditamos que a categoria de superexploração do trabalho pode oferecer algumas explicações decisivas para questões como: o fato da maioria das favelas se concentram na América Latina; explicar por que os países da América Latina apresentarem uma tendência histórica de possuir jornadas de trabalho mais extensas e níveis salariais mais baixos em comparação as economias dominantes; o entendimento de que o Brasil é uma das maiores economias mundiais e apresentar um baixíssimo índice de desenvolvimento humano (IDH).

¹ Estas foram algumas críticas direcionadas à Teoria Marxista da Dependência ao longo de minha defesa da tese de doutoramento: LOPES, Alexandre dos Santos. **Neoliberalismo no Uruguai e as políticas públicas para o trabalho da Frente Ampla: a caso dos Conselhos de Salários 2005-2010**. Tese de Doutorado, Marília, 2019, 308p. Em acordo com a tese de Mathias Luce, comenta alguns dos erros de análise cometidos na interpretação do significado e abrangência da categoria de superexploração do trabalho e a tomam como sinônimo de: 1) persistência de formas antediluvianas do capital; 2) taxa superior de mais-valia; 3) predomínio de mais-valia absoluta e ausência de mais-valia relativa; 4) ausência de elevação de produtividade; 5) pauperismo e tese subconsumistas; 6) circulacionismo; 7) tendência geral do capitalismo em todo lugar; 8) anulação da lei do valor (LUCE, 2018, p. 135-136).



A proposta geral desta pesquisa é discutir a Teoria Marxista da Dependência e o pensamento de Ruy Mauro Marini. Nosso objetivo específico está associado ao estudo da categoria de superexploração do trabalho para Marini (2005), que está inserido na teoria do valor no pensamento de Karl Marx (1985). Construída ao longo da década 1960 e 1970 a TMD é a síntese do encontro da teoria do valor em Marx e a teoria do imperialismo formulada por Lenin (1987) em seu livro: **Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo**.

Para alcançarmos nossos objetivos, inicialmente, destacamos o conceito de desenvolvimento desigual e combinado no pensamento de Theotônio dos Santos (1971), representante e fundador da TMD. Em seu pensamento, aparece a informação de que as relações econômicas, financeiras e de trabalho manifestam-se como desiguais, devido ao fato de que o desenvolvimento do sistema se produz às custas de outras. Os monopólios, a transferência de mais-valia são expressões dessa desigualdade, os empréstimos e os juros também representam parte desse mecanismo de extração de excedentes em direção aos países dominantes, imperialistas.

A concepção de desenvolvimento combinado é apresentada por meio da constatação de que os países pobres, subdesenvolvidos, geram esses grandes excedentes, não por meio da criação de novas tecnologias, mas pela exploração do máximo da força de trabalho. Conclui que o resultado é a limitação de seus mercados internos e suas capacidades técnicas. E é a isso que o autor chama de desenvolvimento combinado, porque é a combinação dessas desigualdades e a transferência de recursos dos setores atrasados e dependentes em direção aos mais avançados e dominantes, o que explica as desigualdades, aprofundando-as e transformando-as em um elemento necessário e estrutural da economia mundial (DOS SANTOS. 1971, p. 45).

Assim, o problema levantado do desenvolvimento desigual e combinado, a transferência de riquezas se converte na fonte de exploração dos países subdesenvolvidos. Na compreensão Luce (2018, p. 27) existem quatro formas para a *transferência de valor como intercâmbio desigual*: i) a deterioração dos termos de intercâmbio; ii) o serviço da dívida (remessas de juros); iii) as remessas de lucros, royalties e dividendos; iv) a apropriação de renda diferencial e de renda absoluta de monopólio sobre os recursos naturais. As manifestações fenomênicas recém-referidas abarcam diferentes traços da



dependência (comercial, financeira e tecnológica), expressando o intercâmbio de não-equivalentes na divisão internacional do trabalho.

Portanto, conclui o autor, que a questão fundamental para o entendimento da dependência e subdesenvolvimento dos países dependentes da América Latina, está no tema da transferência de valor e da superexploração da força de trabalho, ao dizer que se o traço definidor do modo de produção capitalista é o mecanismo de extração da mais-valia e a acumulação de capital mediante o incremento da produtividade do trabalho e o papel desempenhado pela mais-valia relativa.

Como apontamos inicialmente, por meio do pensamento de Karl Marx, dos autores da teoria marxista da dependência, e autores referenciais ao tema, a superexploração do trabalho, converte-se no elemento fundamental para a compreensão do desenvolvimento capitalista e situação do trabalho no Brasil. A TMD nos fornecerá o arcabouço teórico para o desenvolvimento desta pesquisa.

2. Karl Marx e a teoria do valor

A teoria do valor trabalhada por Karl Marx é o ponto de partida escolhido para à análise da superexploração do trabalho. O processo de extração de mais-valia relativa e absoluta estão representadas pelo excedente do trabalho despendido no processo produtivo, sendo que no primeiro caso, está concebida pelo aumento da produtividade através do incremento técnico e tecnológico, e em sua segunda manifestação, é notada através do aumento da intensidade da força de trabalho². No pensamento de Marini (2005, p. 155), a vinculação de uma economia nacional ao mercado mundial e a transformação de valores de uso em valores de troca, tem como resultado desatar um afã por lucro que se torna tanto mais desenfreado quanto mais atrasado é o modo de produção. Portanto, conforme suas ideias,

² “Essa parte da jornada de trabalho chamo de tempo de trabalho excedente, e o trabalho despendido nela: mais trabalho (*surplus labour*). Assim como, para a noção do valor em geral, é essencial concebê-lo como mero coágulo de tempo de trabalho, como simples trabalho objetivado, é igualmente essencial para a noção de mais-valia concebê-la como mero coágulo de tempo de trabalho excedente, como simples mais-trabalho objetivado. Apenas a forma pela qual esse mais-trabalho é extorquido do produtor direto, do trabalhador, diferencia as formações sócio-econômicas, por exemplo a sociedade da escravidão da do trabalho assalariado.” Para uma análise mais aprofundada sobre a mais-valia, consultar: MARX, Karl. Capítulo VII. **A Taxa de Mais-Valia**. In: Marx, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política**. Volume I. Livro Primeiro. (Os economistas). São Paulo: Nova Cultural, p. 176-177, 1985.



esse mecanismo configura a exploração do trabalhador e não no avanço tecnológico e o bem-estar operário.

Iniciamos com a análise de **O Capital**³, trazendo a contribuição de Marx, ao nos indicar que a força de trabalho é a responsável em gerar valor ao mundo das coisas. Mas, como o autor nos explica esse processo de geração de valor? Nos responde que o trabalhador cria valor através do trabalho produtivo. Aponta que fiandeiro só agrega tempo de trabalho, fiando, o tecelão, tecendo, o ferreiro, forjando. Com uma atividade voltada a um fim determinado agrega-se novo valor, desaparecendo as formas antigas, ou seja, cria-se novos valores de uso. Portanto, observamos que o processo de formação de valores é determinado pelo tempo de trabalho, isto é, o trabalho vivo. Marx (1985, p. 165-166), expõe que como atividade produtiva, “fiar, tecer, forjar, o trabalho, através de seu mero contato, ressuscita dos mortos os meios de produção, os vivifica para serem fatores do processo de trabalho e se combina com eles para formar produtos”. Nos apresenta ainda, que por esse processo de agregação quantitativa de trabalho, valor novo é agregado. O efeito duplo existente na produção de valor, por fim, apresenta-se pelo fato de que a quantidade do trabalho acrescentado aos valores antigos dos meios de produção é conservado no produto.

Ao captarmos a ideia de que o trabalho vivo, produtivo, o único capaz de gerar novos valores às mercadorias, em conformidade às ideias expostas por Marx (1985), o capitalista aprofunda cada vez mais seus ganhos em decorrência aos excedentes gerados no processo produtivo. A mais-valia é derivada do capital variável, do trabalho vivo empregado na produção de mercadorias. O que ocorre é que parte da jornada de trabalho é voltada para a própria reprodução do trabalhador, e a outra parte, ou trabalhado excelente, destina-se ao capitalista. Sendo assim, a mais-valia é a parte excedente do trabalho vivo da qual os capitalistas se apropriam.

Consonante às ideias expostas por Amaral e Carcanholo (2012)⁴, o que Marx pretendia ao discutir a lógica desse processo era esclarecer que o modo de produção capitalista tem como lei geral uma produtividade crescente. A tendência é a de que a composição orgânica do capital aumente progressivamente e de que, portanto, aumente a

³ MARX, Karl. Capítulo VI. **Capital Constante e Capital Variável**. In: Marx, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política**. Volume I. Livro Primeiro. (Os economistas). São Paulo: Nova Cultural, 1985.

⁴ AMARAL, Marisa Silva. CARCANHOLO, Marcelo Dias. **Superexploração da força de trabalho e transferência de valor: fundamentos de reprodução do capitalismo dependente**. In: FERREIRA, Carla. OSÓRIO, Jaime. LUCE, Mathias. **Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência**. São Paulo: Boitempo, 2012.



massa de capital constante com relação à massa de capital variável, levando a formação de um exército industrial de reserva com o impacto da própria acumulação capitalista.

O processo de formação de valor exposto por Marx (1985), nos leva a refletir ao fato de que a concepção de superexploração do trabalho se dá em acordo ao uso extensivo e intensivo da força de trabalho, que segundo Marini (2005, p. 156-157), com a redução da composição do valor do capital, o que, aliado à intensificação do grau de exploração do trabalho, faz com que se elevem simultaneamente as taxas de mais-valia e de lucro. Assinala além disso, ao fato de que a característica principal é evidenciada pelo fato de que são negadas condições dignas aos trabalhadores. Conclui esta passagem apontando que o “direcionando desses mecanismos significam que o trabalho é remunerado abaixo de seu valor e correspondem, portanto, a uma superexploração do trabalho”.

No modo de produção capitalista em sua fase imperialista, as economias subdesenvolvidas e dependentes destinam quase a totalidade de sua produção para os mercados exteriores, e com a introdução de novas tecnologias e técnicas para garantir uma significativa elevação da produtividade e da intensidade tendo como contrapartida a manutenção e o aumento do poder de consumo da população assalariada, e sustentar essa capacidade em uma queda dos salários e do consumo dos trabalhadores no mercado interno, em uma tendência à ampliação da superexploração do trabalho e a uma deterioração geral das condições de vida.

3. A superexploração do trabalho

Iniciamos a investigação com Lenin (1987) que, em sua obra, **Imperialismo, Fase Superior do Capitalismo**, discute o fato de o imperialismo estar configurado por meio da fusão do capital produtivo com o capital financeiro, ou seja, da união dos capitais da indústria e do setor bancário. Assim, a exportação desses capitais assume importância significativa ao lado da exportação de mercadorias. De acordo com Lenin, a acumulação desses capitais se realiza por meio da criação de monopólios, cartéis e trustes e pela existência de uma divisão mundial em esferas de influência, criadas pelas grandes potências capitalistas. Por fim, o político e pensador russo conclui a sua tese com a verificação da possibilidade de uma luta intercapitalista, com o intuito de realizar uma nova divisão do mundo e das zonas de



influência de cada potência capitalista.

Entendemos que este processo de união entre os capitais da indústria e bancário assumiria, na fase imperialista do capitalismo, importância superior à relação estabelecida entre produção e troca de mercadorias. As ideias expostas para o entendimento do desenvolvimento do processo de geração de capital, ou melhor, como os países imperialistas se comportam diante desta disputa intercapitalista por capitais, pela divisão o mundo e as consequências para os países dependentes latino-americanos.

Para compreensão das questões sobre o subdesenvolvimento – do modo como ele é definido por Lenin (1987) –, é possível recorrer à obra de Ruy Mauro Marini, **Dialética da Dependência** (2005), que aborda a dependência das economias latino-americanas, por meio dos conceitos de troca desigual e da superexploração do trabalho, frente ao imperialismo dos países desenvolvidos. Em outra obra referencial do autor, **Subdesenvolvimento e Revolução** (2004, p. 47), encontramos a seguinte afirmação: “a história do subdesenvolvimento latino-americano é a história do desenvolvimento capitalista mundial”. Portanto, para o autor, os conceitos de troca desigual e superexploração do trabalho representam a maneira pela qual as economias latino-americanas estão submetidas ao imperialismo dos países desenvolvidos, sobretudo ao da Inglaterra, e depois ao dos Estados Unidos, e como desenvolveram as suas economias dependentes⁵.

A compreensão do significado e alcance da categoria de superexploração do trabalho em Rui Mauro Marini (2005), nos impulsiona a desenvolvermos este presente trabalho para entendermos o alcance da categoria de superexploração do trabalho. Publicações recentes contribuem para comprovar nossa preocupação teórica e prática. Luce (2018, p. 315)⁶ expõe sua compreensão para a superexploração:

entendida como determinação negativa do valor contida na lei do valor, em que a corporeidade viva da força de trabalho é submetida a um desgaste prematuro; e/ou a reposição de seu desgaste acontece de tal maneira em que a substância viva do valor não é restaurada em condições normais (isto

⁵ Mantega (1984), ao discutir as ideias de Ruy Mauro Marini, enfatiza que o aprofundamento de suas teses desenvolvidas são uma continuidade daquilo que Gunder Frank e Caio Prado Jr. haviam pensado sobre a incorporação da América Latina às economias dos países desenvolvidos no século XVI.

⁶ Para uma leitura mais aprofundada, favor consultar: LUCE, Mathias Seibel. Teoria marxista da dependência: problemas e categorias. Uma visão histórica. São Paulo: Expressão Popular, 2018.



é, nas condições sociais dadas), ocorrendo o rebaixamento do seu valor. A superexploração é explicada como tendência negativamente determinada da lei do valor, sendo esta última simultaneamente o intercâmbio de equivalentes e a negação do intercâmbio de equivalentes (LUCE, 2018, p. 135).

A categoria da superexploração representa “o fundamento da dependência”, como aponta a TMD e igualmente sustenta Luce (2018). Encontramos uma definição que pode ilustrar melhor o tema da dependência latino-americana e brasileira que, no pensamento de Marini (2005, p. 141), “uma relação de subordinação entre nações formalmente independentes, em cujo marco as relações de produção das nações subordinadas são modificadas ou recriadas para assegurar a reprodução ampliada da dependência”.

Marini (2005), considerando esta problemática central, distingue três momentos diferentes para explicá-la: a) aumento da mais-valia, alcançada através do aumento da exploração da força de trabalho, e não da modernização dos meios de produção; b) aumento da mais-valia absoluta; c) redução do consumo dos trabalhadores. O autor argumenta que, com o crescimento da exploração da força de trabalho, objetivando unicamente auferir maiores lucros à burguesia, ocorre uma baixa na composição valor do capital, elevando drasticamente as taxas de mais-valia e aumentando os lucros. Isto retiraria do trabalhador a capacidade de consumo pessoal e garantiria a ele somente o mínimo para assegurar a sua permanência como mão de obra explorada.

Assim, Mantega (1984) afirma que, no pensamento de Ruy Mauro Marini há uma distinção entre duas fases da vinculação latino-americana ao imperialismo: a primeira se caracteriza pelo período marcado como economias agrário-exportadoras; a segunda, por sua vez, inicia-se na década de 1920, com a crise mundial, inserindo a América Latina em um novo papel na divisão internacional do trabalho.

A noção de superexploração do trabalho distingue, “a acumulação central da acumulação periférica porque, enquanto a primeira baseia-se na produção de mais-valia relativa, a acumulação periférica depende, fundamentalmente, da mais-valia absoluta”, como nos explica Mantega (1984, p. 265). Segundo o autor, as razões para isso se esclarecem pela forte organização dos trabalhadores nos países desenvolvidos, por meio de seus sindicatos e organizações, e da sua resistência à superexploração do trabalho frente à



renovação tecnológica imposta pelo desenvolvimento do conhecimento humano. Desta forma, a burguesia não consegue aumentar o tempo da jornada de trabalho, ou seja, a mais-valia absoluta. Portanto, a exploração da mão de obra nos países desenvolvidos, conclui o autor, consiste no barateamento das mercadorias de consumo popular, diminuindo o valor da força de trabalho, aplicando-se a mais-valia relativa, ou seja, a extração de lucros sobre o trabalho excedente, ao fazerem os operários produzirem mais em menos tempo.

Por fim, Mantega (1984) nos esclarece que, nas economias dos países subdesenvolvidos preserva-se a extração de mais-valia absoluta, ao argumento de que, a combinação da grande oferta de mão de obra e tecnologia – a qual poupa mão de obra –, e a fraca organização sindical dos trabalhadores, resultam na frágil regulamentação das condições de trabalho, na baixa remuneração dos trabalhadores e, sempre, na violência policial contra qualquer tentativa de organização reivindicatória.

4. Considerações finais

O capitalismo se apresenta, de acordo com a teoria do valor em Marx, com uma capacidade de se autorreproduzir. Weeks (2001, p. 190) argumenta que a caracterização do imperialismo está marcada pela rivalidade intercapitalista e sobre os impactos das exportações do chamado capital-dinheiro, sobretudo do capital produtivo, aos países subdesenvolvidos. Acrescenta que, graças à exportação de capitais aos países de formação pré-capitalistas, há a possibilidade do desenvolvimento das forças produtivas e a criação de uma classe operária. Ressalta ainda que os teóricos da escola da dependência⁷, ao sugerirem o termo desenvolvimento capitalista dependente, entendem que o ritmo do desenvolvimento dos países subdesenvolvidos é uma simples reação ao domínio dos países industrializados, nos quais a expressão imperialismo aparece com um significado de relações entre “países adiantados e países atrasados”, negando, assim, a tese da capacidade de autorreprodução do capital.

⁷ Para conhecer mais sobre os autores da escola da dependência indicamos alguns textos: FRANK, André Gunder. **El Desarrollo del Subdesarrollo - Un Ensayo Autobiográfico**. Caracas: ed. Nueva Sociedad, 1991; DOS SANTOS, Theotônio. **Imperialismo e dependência**. México Era, 1968; BAMBIRRA, Vania. **Teoria de la Dependencia: Una Anticrítica**. México: Era, 1978; MARINI, Ruy Mauro. **Subdesenvolvimento e Revolução**. Florianópolis: Insular, 2014.



Em nosso entendimento, os chamados teóricos da teoria da dependência analisam a problemática do subdesenvolvimento latino-americano conforme o método exposto por Marx (1985) e Lenin (1987), caracterizando a sua construção teórica pelas formas que o capital assumiu face ao seu processo de expansão e autorreprodução, não se limitando à uma dicotomia geográfica caracterizada por: países ricos ao norte do globo terrestre e países pobres ao sul. Não concordamos com a crítica de Weeks (2001), pois, ao longo desta discussão, ao debatermos o papel do imperialismo na América Latina, os autores referenciais o fazem a partir do surgimento de suas economias nacionais e a sua integração ao mercado mundial; do surgimento dos monopólios, cartéis e trustes; do papel central do sistema bancário e o seu entrelaçamento com o capital da indústria, dando origem ao sistema financeiro especulativo. Além disso, também explanam sobre a chamada morfologia do atraso e a impossibilidade do desenvolvimento industrial uruguaio, mediante verificação desta relação de dependência aos centros imperialistas industrializados.

Compreendemos que a teoria do imperialismo desenvolvida por Lenin (1987) está descrita a partir da teoria do valor de Karl Marx. Este argumenta que a sociedade capitalista é organizada por meio da separação de classes sociais: a classe burguesa – detentora de meios de produção – que extrai o máximo do excedente do trabalho da classe trabalhadora – aquela que não possui meios de produção. Este mecanismo de exploração de uma classe sobre outra, de compra e venda da força de trabalho, é a condição de mercadoria na qual o trabalho foi transformado nas sociedades capitalistas e determina a maneira pela qual a sociedade capitalista se reproduz.



5. Referências Bibliográficas:

AMARAL, Marisa Silva. CARCANHOLO, Marcelo Dias. **Superexploração da força de trabalho e transferência de valor: fundamentos de reprodução do capitalismo dependente**. In: FERREIRA, Carla. OSÓRIO, Jaime. LUCE, Mathias. **Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência**. São Paulo: Boitempo, 2012.

ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho? Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade no mundo do trabalho**. 2, ed, São Paulo: Cortez, 1999.

ANTUNES, Ricardo. A nova morfologia do trabalho e suas principais tendências. In: ANTUNES, Ricardo (org). **Riqueza e miséria do trabalho no Brasil II**. São Paulo: Boitempo, p. 13-28, 2013.

HARVEY, David. **O novo imperialismo**. São Paulo: Loyola, 2004.

IANNI, Octávio. **Sociologia e sociedade no Brasil**. São Paulo: Alfa-Omega, 1975.

IANNI, O. **Karl Marx: Sociologia**. Introdução. (Coleção Grandes Cientistas Sociais). São Paulo: Ática, 1984.

IANNI, Octávio. **Teorias de Estratificação Social**. São Paulo: Editora Nacional, 1972.

IASI, Mauro Luis. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. In: **Consciência e metodologia da educação popular: contribuição à discussão metodológica** (Cap. VIII). São Paulo: 2007.

LUCE, Mathias Seibel. **Teoria marxista da dependência: problemas e categorias. Uma visão histórica**. São Paulo: Expressão Popular, 2018.

MANTEGA, Guido. **A Economia Política Brasileira**. São Paulo-Petrópolis: Polis/Vozes, 1984.

MARINI, R. M. **Dialética da dependência**. Petrópolis: Vozes, 2000.



MARINI, Ruy Mauro. **Dialética da Dependência**. In: TRANSPADINI, Roberta; STEDILE, João Pedro. (org.). Ruy Mauro Marini. Vida e Obra. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

MARINI, Ruy Mauro. **Subdesenvolvimento e Revolução**. Florianópolis: Insular, 2014.

MARX, K. e ENGELS, F. **Manifesto do Partido Comunista**. 4º ed. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1964.

MARX, Karl. e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965. P. 14 – 49.

MARX, k. **A Assim Chamada Acumulação Primitiva**. In: O Capital. São Paulo: Abril Cultural. 1984. p. 261- 292.

MARX. K. **As Classes**. In: O Capital. São Paulo: Abril Cultural, 1985, p. 317-318.

MARX, Karl. Capítulo VI. **Capital Constante e Capital Variável**. In: Marx, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política**. Volume I. Livro Primeiro. (Os economistas). São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl. Capítulo VII. A Taxa de Mais-Valia. In: Marx, Karl. **O Capital. Crítica da Economia Política**. Volume I. Livro Primeiro. (Os economistas). São Paulo: Nova Cultural, p. 176-177, 1985.

_____. **A Mercadoria**. In: O Capital. São Paulo: Abril Cultural. 1983.

OSORIO, Jaime. **América Latina: o novo padrão exportador de especialização produtiva – estudo de cinco economias da região**. In: FERREIRA, Carla. OSORIO, Jaime. LUCE, Mathias. (orgs). **Padrão de reprodução do capital: contribuições da teoria marxista da dependência**. São Paulo: Boitempo, 2012.